A Matemática como Ferramenta de Capacitação Profissional para Pessoas com Autismo e o papel do Empregador na Promoção da Inclusão e Adaptações no Local de Trabalho

The Use of Mathematics as a Professional Training Tool for People with Autism and the Role of the Employer in Promoting Inclusion and Adaptations in the Workplace

Davi Milan[1], Rodolfo Areias de Oliveira[2], Sheila Faúla Muniz[3] e Roberta Marvila dos Santos[4]

RESUMO: Esta pesquisa analisa a utilização da matemática como ferramenta de capacitação profissional para pessoas com autismo no mercado de trabalho, enfatizando sua relevância na inclusão e desenvolvimento de habilidades técnicas e cognitivas. O objetivo central é investigar como a matemática, aliada a práticas inclusivas, pode contribuir para a qualificação e inserção de pessoas autistas em diferentes contextos laborais. O estudo adota o método hipotético-dedutivo, com levantamento e análise de dados realizados por meio de uma Revisão Bibliográfica e Documental Narrativa (RBDN), abordando literatura acadêmica e políticas públicas inclusivas. Os resultados demonstram que a matemática, quando adaptada às necessidades específicas de indivíduos autistas, é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento de competências lógico-racionais e a resolução de problemas, facilitando sua entrada em carreiras tecnológicas e analíticas. Além disso, o estudo identifica lacunas significativas na formação docente e nas estratégias pedagógicas voltadas à inclusão desse público no ensino básico e profissionalizante. A conclusão destaca que a aplicação da matemática em programas de capacitação profissional pode não apenas melhorar a empregabilidade de pessoas autistas, mas também promover maior equidade no mercado de trabalho. A pesquisa reforça a necessidade de políticas públicas que incentivem o uso da matemática de forma inclusiva, adaptada a perfis neurodivergentes, e ressalta o papel da educação como mediadora dessa transformação, contribuindo para a construção de um ambiente laboral mais acessível e diverso.
Palavras-chave: Inclusão; Matemática; Mercado de trabalho.

ABSTRACT: This research analyzes the use of mathematics as a professional training tool for people with autism in the labor market, emphasizing its relevance in the inclusion and development of technical and cognitive skills. The main objective is to investigate how mathematics, combined with inclusive practices, can contribute to the qualification and insertion of autistic people in different work contexts. The study adopts the hypothetical-deductive method, with data collection and analysis carried out through a Bibliographic and Documentary Narrative Review (RBDN), addressing academic literature and inclusive public policies. The results demonstrate that mathematics, when adapted to the specific needs of autistic individuals, is a powerful tool for the development of logical-rational skills and problem solving, facilitating their entry into technological and analytical careers. In addition, the study identifies significant gaps in teacher training and pedagogical strategies aimed at the inclusion of this public in basic and vocational education. The conclusion highlights that the application of mathematics in professional training programs can not only improve the employability of autistic people, but also promote greater equity in the labor market. The research reinforces the need for public policies that encourage the use of mathematics in an inclusive way, adapted to neurodivergent profiles, and highlights the role of education as a mediator of this transformation, contributing to the construction of a more accessible and diverse work environment.
Keywords: Inclusion; Mathematics; Labor market.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema a utilização da matemática como ferramenta de capacitação profissional para pessoas com autismo no mercado de trabalho, analisando como essa disciplina pode ser empregada para promover habilidades técnicas e cognitivas que favoreçam a inclusão laboral. O estudo surge da justificativa de que o mercado de trabalho

[1]Mestrando em Educação pela Universidade Estadual Paulista. E-mail: davimilan145@gmail.com;
[2]Mestrando em Matemática pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: rodolfo.areias@hotmail.com;
[3]Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: sheilafaula@hotmail.com;
[4]Especialista em Educação Inclusiva pelo Instituto Federal do Espirito Santo. E-mail: roberta.smarvilla@hotmail.com.

exige, cada vez mais, competências relacionadas ao raciocínio lógico e à resolução de problemas, áreas nas quais a matemática desempenha um papel central. Para pessoas com autismo, essas habilidades podem ser potencializadas por meio de abordagens educacionais adaptadas, promovendo equidade e inclusão.

O objetivo principal é investigar como a matemática pode ser utilizada como um recurso estratégico na capacitação de pessoas autistas, contribuindo para sua inserção e permanência no mercado de trabalho. A pesquisa adota como recorte metodológico o método hipotético-dedutivo, utilizando uma Revisão Bibliográfica e Documental Narrativa (RBDN) para analisar dados e publicações relevantes sobre o tema.

Do ponto de vista teórico-conceitual, o estudo fundamenta-se em perspectivas inclusivas na educação e no trabalho, analisando a relação entre habilidades matemáticas, neurodiversidade e estratégias pedagógicas voltadas à profissionalização de indivíduos com autismo. A pesquisa também considera o papel da educação como mediadora na redução das barreiras enfrentadas por essa população.

A estrutura do texto está organizada em seções que permitem um desenvolvimento claro e progressivo da discussão. Inicialmente, é apresentada uma visão geral do tema e de sua relevância. Em seguida, detalham-se os objetivos e os procedimentos metodológicos. Por fim, são discutidos os resultados, as conclusões e as recomendações para o uso da matemática como uma ferramenta de inclusão profissional.

PERFIL DAS PESSOAS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que se manifesta, predominantemente, por desafios em três áreas principais: comunicação social, comportamentos restritivos e interesses repetitivos. Desde o reconhecimento formal do transtorno, na década de 1940, o diagnóstico e a compreensão do TEA evoluíram significativamente. Hoje, o diagnóstico é estabelecido com base em critérios do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-5), que reconhece a heterogeneidade dentro do espectro, incluindo diferentes níveis de suporte necessários para cada indivíduo (Stochero et al., 2017). Meninas, por exemplo, podem apresentar características mais sutis, muitas vezes dificultando um diagnóstico precoce (Lin et al., 2022). O diagnóstico precoce é essencial para

intervenções mais eficazes, que podem levar a uma redução significativa nos sinais do TEA, promovendo maior autonomia e inclusão social (Maria et al., 2022).

No âmbito educacional, compreender o perfil cognitivo e comportamental das pessoas com TEA é essencial para a criação de estratégias pedagógicas adequadas. Pessoas autistas frequentemente apresentam uma abordagem peculiar à aprendizagem, com pontos fortes em áreas como memorização de detalhes e reconhecimento de padrões, mas desafios em aspectos como habilidades sociais e pensamento abstrato (Paula et al., 2023). No entanto, é importante destacar que cada indivíduo no espectro é único, e as manifestações do transtorno podem variar amplamente. Essas diferenças individuais demandam adaptações educacionais específicas, que podem incluir o uso de tecnologias e ferramentas personalizadas para promover o engajamento e a participação ativa no aprendizado (Stochero et al., 2017).

No contexto laboral, as particularidades do TEA representam tanto desafios quanto oportunidades. De acordo com De Araújo e Dourado (2022), a inclusão de pessoas autistas no mercado de trabalho exige a compreensão dos seus perfis e a promoção de ambientes adaptados às suas necessidades. Embora muitos indivíduos com TEA possuam habilidades específicas que podem ser altamente valorizadas em determinados setores, como tecnologia e matemática, a falta de adaptações no local de trabalho frequentemente constitui uma barreira à inclusão. Isso reflete a necessidade de esforços coordenados entre empregadores, educadores e formuladores de políticas públicas para assegurar uma transição eficiente da formação educacional para a vida profissional.

Por fim, a inclusão educacional e laboral de pessoas com TEA está intrinsecamente ligada à criação de estratégias que reconheçam e valorizem suas habilidades e peculiaridades. A literatura destaca a importância de ações integradas que promovam tanto o aprendizado quanto a empregabilidade, com adaptações que possibilitem o desenvolvimento pleno de suas capacidades (Dos Santos et al., 2017). Essas iniciativas demandam um esforço contínuo para superar preconceitos e promover uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

A MATEMÁTICA COMO FERRAMENTA DE CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL PARA PESSOAS COM AUTISMO

O ensino da matemática para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem se consolidado como um importante instrumento de desenvolvimento cognitivo e social, com

implicações diretas na capacitação profissional. Estudos apontam que a matemática pode potencializar habilidades fundamentais como raciocínio lógico, atenção a detalhes e resolução de problemas, frequentemente observadas em indivíduos com TEA (Cindy et al., 2016). Essas características, amplamente valorizadas em áreas como tecnologia, engenharia e finanças, fazem da matemática um meio eficaz para ampliar as oportunidades de inclusão educacional e laboral (Peres et al., 2023). Contudo, a eficácia desse processo depende da adoção de abordagens metodológicas adaptadas às peculiaridades de cada indivíduo. Estratégias como o uso de ferramentas digitais e intervenções visuais, sugeridas por Maria et al. (2017), não apenas melhoram a experiência de aprendizado, mas também favorecem a adaptação ao mercado de trabalho, destacando a interdisciplinaridade da matemática como mediadora entre o potencial cognitivo e as demandas práticas do ambiente profissional.

A evolução das práticas pedagógicas no ensino de matemática para pessoas com TEA reflete a necessidade de ambientes mais inclusivos e adaptados. Desde as primeiras intervenções documentadas, o uso de recursos visuais e tecnológicos demonstrou ser uma abordagem eficaz para promover o engajamento e o progresso acadêmico de alunos com TEA (Rozal et al., 2022). A utilização de softwares educativos e plataformas digitais, como destacado por Stochero et al. (2017), não apenas facilita a compreensão de conceitos abstratos, mas também incentiva a autonomia dos estudantes. Além disso, a abordagem Realistic Mathematics, descrita por Kalaw (2012), integra situações do cotidiano ao ensino da matemática, permitindo que os alunos apliquem conceitos teóricos de forma prática. Essa metodologia é particularmente relevante para indivíduos autistas de alto funcionamento, que frequentemente demonstram aptidão para resolver problemas complexos quando expostos a contextos bem definidos e estruturados.

No contexto da transição para o mercado de trabalho, a matemática desempenha um papel essencial na preparação de pessoas com TEA para ocupações em setores estratégicos. As habilidades matemáticas, quando associadas a programas de treinamento técnico, possibilitam a atuação em áreas que exigem precisão, como análise de dados, programação e logística (Stochero et al., 2017). Essa preparação, entretanto, precisa ser acompanhada por iniciativas que promovam ambientes laborais inclusivos. Segundo Leopoldino e Coelho (2017), a criação de condições adequadas de trabalho, como adaptações físicas e organizacionais, é fundamental para assegurar a permanência e o desenvolvimento desses profissionais. Além disso, o papel do empregador vai além da adaptação: ele inclui a valorização das habilidades singulares desses indivíduos, promovendo uma cultura organizacional que priorize a diversidade e a equidade.

A utilização de tecnologias assistivas e metodologias adaptadas no ensino de matemática para pessoas com TEA tem demonstrado um impacto transformador na construção de competências profissionais. Ferramentas como aplicativos educacionais e vídeos interativos promovem a visualização de conceitos matemáticos, facilitando o aprendizado e a aplicação prática desses conhecimentos (Hughes; Yakubova, 2019). Essas tecnologias ajudam a superar barreiras relacionadas à abstração e à comunicação, permitindo que indivíduos com TEA desenvolvam habilidades em ambientes altamente estruturados e dinâmicos. Além disso, o design de atividades matemáticas em ambientes digitais, como proposto por Maria et al. (2017), incentiva a participação ativa e a autonomia, características que são fundamentais tanto para o sucesso acadêmico quanto para a integração no mercado de trabalho. Essas práticas inovadoras revelam que a matemática pode ser uma ponte entre o contexto educacional e as demandas de uma economia que valoriza competências analíticas e técnicas, abrindo portas para uma inclusão mais ampla e sustentável.

Apesar dos avanços, a plena utilização da matemática como ferramenta de capacitação profissional requer um olhar mais atento para as políticas públicas e a formação de educadores. Como ressaltam Fraga et al. (2023), a formação continuada de professores é essencial para capacitá-los no uso de metodologias inovadoras e no entendimento das necessidades específicas de estudantes com TEA. Isso inclui não apenas a aplicação de práticas pedagógicas inclusivas, mas também o desenvolvimento de competências socioemocionais nos alunos, preparando-os para desafios interpessoais e profissionais. Por outro lado, a implementação de políticas educacionais que priorizem o ensino de matemática adaptado às pessoas com TEA pode contribuir para uma inclusão mais efetiva e equitativa. Esse esforço conjunto, envolvendo escolas, famílias e empregadores, é indispensável para assegurar que a matemática transcenda sua função tradicional, tornando-se um elemento central na promoção da equidade e na valorização do potencial humano no mercado de trabalho.

Por fim, a matemática não apenas oferece uma base sólida para o desenvolvimento profissional de pessoas com TEA, mas também atua como um elemento transformador na construção de sua autonomia e inclusão social. A integração de práticas pedagógicas inovadoras, como sugerem Peres et al. (2023) e Hughes e Yakubova (2019), é indispensável para ampliar as possibilidades de aprendizado e aplicação prática da matemática. Entretanto, para que esses avanços sejam efetivamente implementados, é necessário um esforço conjunto entre educadores, formuladores de políticas públicas e empregadores. Esse alinhamento deve

focar na formação continuada de professores e no desenvolvimento de programas educacionais e profissionais que reconheçam o potencial de cada indivíduo, promovendo, assim, uma inclusão efetiva no mercado de trabalho e na sociedade como um todo.

O PAPEL DO EMPREGADOR NA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO E ADAPTAÇÕES NO LOCAL DE TRABALHO

O papel do empregador na promoção da inclusão de pessoas com espectro autista no local de trabalho vai além da simples contratação. As empresas têm a responsabilidade de implementar políticas robustas de diversidade e inclusão que assegurem a adaptação do ambiente de trabalho às necessidades de colaboradores neurodivergentes. A Lei de Cotas (Lei nº 8.213/1991) e a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) reforçam a obrigatoriedade das empresas em promover um ambiente acessível, porém, a adaptação efetiva exige mais do que o cumprimento da legislação. Treinamentos específicos para gestores e equipes são fundamentais para sensibilizar todos os colaboradores sobre as necessidades particulares de pessoas com autismo, o que também pode reduzir preconceitos e promover uma cultura organizacional mais inclusiva. Além disso, o uso de tecnologias assistivas, como software de comunicação alternativa, pode facilitar a integração e o desempenho profissional, promovendo uma maior autonomia no trabalho.

A criação de programas de mentoria e a adaptação das avaliações de desempenho para colaboradores com TEA são práticas eficazes que vêm sendo adotadas por algumas empresas e instituições progressistas. Esses programas de mentoria não apenas fornecem suporte contínuo, mas também ajudam na construção de relações interpessoais, aspecto muitas vezes desafiador para pessoas com autismo. Avaliações de desempenho personalizadas, focadas em capacidades e desafios individuais, permitem que o progresso dos colaboradores autistas seja medido de forma justa, reconhecendo suas contribuições específicas ao invés de aplicar métricas padronizadas. Além disso, empresas que implementam ambientes sensoriais controlados, ajustando luz, ruído e organização física dos espaços, conseguem criar um ambiente de trabalho mais confortável e produtivo para indivíduos com hipersensibilidade sensorial, característica comum em pessoas com TEA.

Adotar uma política de inclusão não é apenas uma questão de responsabilidade social, mas também um fator de inovação e crescimento organizacional. Autores como Leopoldino

(2015) e Lobato (2017) destacam que a diversidade cognitiva e funcional traz novas perspectivas que podem aumentar a criatividade e a inovação dentro das empresas. A inclusão de pessoas com TEA, quando bem gerida, pode fortalecer a capacidade de uma organização para resolver problemas de forma criativa e desenvolver soluções mais abrangentes, o que, por sua vez, pode melhorar a competitividade no mercado global. Portanto, as empresas que investem na adaptação e inclusão de pessoas autistas não apenas cumprem uma função social, mas também se posicionam como pioneiras em um mercado de trabalho cada vez mais diverso e dinâmico.

Nesse contexto, Lorenzo e Silva (2017, 2020) ressaltam que muitas empresas adotam uma postura limitante ao condicionar determinados cargos a tipos específicos de deficiência, o que resulta em uma diminuição significativa das oportunidades de emprego para as pessoas com deficiência (PcD). Ao restringir essas oportunidades, as empresas não apenas criam barreiras no acesso ao mercado de trabalho, mas também ignoram o potencial multifacetado das PcD, que possuem habilidades diversas e muitas vezes subestimadas. Esse comportamento reflete uma visão reducionista, que foca apenas nas limitações aparentes, deixando de lado a possibilidade de oferecer condições e adaptações que permitiriam a plena realização dessas pessoas em seus ambientes de trabalho.

Quando as condições adequadas são oferecidas, como tecnologia assistiva, suporte especializado e acessibilidade, as PcD podem superar barreiras iniciais e desenvolver plenamente suas capacidades, contribuindo significativamente para a organização. Assim, a insistência em rotular cargos de acordo com deficiências específicas não só perpetua a exclusão social e profissional, mas também impede que as empresas aproveitem o talento e a inovação que podem surgir ao proporcionar um ambiente inclusivo.

Além das políticas de inclusão, é imprescindível que os empregadores compreendam a importância das adaptações estruturais e processuais no ambiente de trabalho. Segundo Lorenzo e Silva (2017), a contratação de pessoas com deficiência, incluindo indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ainda enfrenta desafios significativos, como a falta de preparação das empresas para lidar com a diversidade funcional e cognitiva. A implementação de tecnologias assistivas e ajustes no espaço físico são práticas recomendadas pela Brasil (2014), que destaca a necessidade de um ambiente acessível para promover a autonomia e o desempenho dos trabalhadores autistas. Essas adaptações são fundamentais para evitar que limitações sensoriais e comunicacionais se transformem em barreiras à produtividade e à

inclusão plena. Assim, o desenvolvimento de um espaço que acolha as particularidades do colaborador com TEA não só facilita sua adaptação, como também reforça o compromisso da empresa com a diversidade e a responsabilidade social.

A inclusão de pessoas com autismo no mercado de trabalho também traz benefícios evidentes para as organizações. Como apontado por Violante e Leite (2011), a empregabilidade de pessoas com deficiência, além de atender às exigências legais, pode resultar em equipes mais inovadoras e em maior competitividade no mercado. Esse impacto positivo se dá pelo aumento da diversidade cognitiva, que estimula novas abordagens para resolução de problemas e inovação em processos, produtos e serviços. Leopoldino e Coelho (2017) ainda ressaltam que a presença de colaboradores autistas em empresas que investem em treinamentos e adaptações adequadas contribui diretamente para o desenvolvimento de uma cultura organizacional inclusiva e colaborativa, na qual todos os funcionários têm a oportunidade de crescer e contribuir de acordo com suas capacidades únicas. Dessa forma, o esforço para incluir pessoas com TEA no ambiente corporativo é, na verdade, uma estratégia de crescimento sustentável e de longo prazo para as empresas.

CONCLUSÃO

A pesquisa reafirma o papel estratégico da matemática como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento das habilidades lógico-racionais e a capacitação profissional de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Este potencial educativo não apenas apoia a formação acadêmica e cognitiva, mas também atua como um facilitador para inclusão em áreas tecnológicas e analíticas, que apresentam crescente demanda no mercado de trabalho contemporâneo. Os resultados demonstram que a matemática, quando adaptada às necessidades individuais do público neurodivergente, promove autonomia, amplia a empregabilidade e contribui para a superação de barreiras históricas de exclusão social.

Apesar dos avanços observados em algumas iniciativas, a pesquisa aponta a existência de lacunas significativas. Estas incluem a carência de formação específica de educadores para o atendimento às demandas de alunos com autismo, bem como a insuficiência de práticas pedagógicas inclusivas na educação básica e técnico-profissional. Dessa forma, destaca-se a necessidade urgente de políticas públicas que fomentem a adoção de metodologias inclusivas, voltadas à conexão entre o aprendizado matemático e as competências requisitadas no mercado de trabalho.

Outro aspecto crucial identificado é o papel do empregador na promoção de ambientes de trabalho acessíveis e inclusivos. Esse esforço vai além da adaptação física e operacional, abrangendo o fortalecimento de uma cultura organizacional que valorize a neurodiversidade como um diferencial competitivo. A articulação entre programas educacionais inclusivos, políticas públicas de empregabilidade e práticas corporativas inclusivas é essencial para romper paradigmas de exclusão e construir um mercado de trabalho equitativo.

A pesquisa conclui que a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva depende de esforços articulados entre o sistema educacional, o setor produtivo e o poder público. A matemática emerge como um elemento catalisador nesse processo, possibilitando que pessoas com autismo alcancem seu pleno potencial e contribuam de forma significativa para o desenvolvimento econômico e social. Assim, a inclusão de indivíduos com TEA no mercado de trabalho não deve ser vista apenas como uma meta ética, mas também como uma oportunidade estratégica de transformação social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Brasília, 1991.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CINDY, G. et al. Mathematics interventions for individuals with autism spectrum disorder: a systematic review. *Review Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2016. DOI: 10.1007/S40489-016-0078-9.

DE ARAÚJO, Adriana Silvino; DOURADO, Jakson Luis Galdino. Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a empregabilidade: entre a formação e a inclusão. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, v. 9, n. 20, p. 291-306, 2022.

DOS SANTOS, Regina Kelly et al. Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional. *Revista Includere*, v. 3, n. 1, 2017.

ELIZABETH, M. Hughes; GULNOZA, Yakubova. Addressing the mathematics gap for students with ASD: an evidence-based systematic review of video-based mathematics interventions. *Review Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2019. DOI: 10.1007/S40489-019-00160-3.

FRAGA, Sarah Gomes Pinheiro et al. Uma análise sobre o ensino da matemática para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2023.

KARINA, de Kássia Abreu; EVELISE, Roman; CORBALAN, Góis Freire. Uma revisão sistemática do ensino de matemática para estudantes com transtornos do espectro autista. *Professor de Matemática Online*, 2021. DOI: 10.21711/2319023x2022/pmo108.

LAMBER, Rachel et al. Documenting increased participation of a student with autism in the standards for mathematical practice. *Journal of Educational Psychology*, 2020. DOI: 10.1037/EDU0000425.

LEOPOLDINO, C. B.; COELHO, P. F. da C. O processo de inclusão de autistas no mercado de trabalho. *E&G Economia e Gestão*, Belo Horizonte, v. 17, n. 48, 2017.

LIN, Jaime et al. Transtorno do Espectro Autista em Meninas: características clínicas e dificuldades diagnósticas. *Boletim do Curso de Medicina da UFSC*, v. 8, n. 2, p. 32-37, 2022.

LORENZO, S. M.; SILVA, N. R. Contratação de pessoas com deficiência pelo mercado de trabalho. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 23, n. 3, p. 345-360, jul.-set., 2017.

LORENZO, S. M.; SILVA, N. R. Dificuldades para contratação de pessoas com deficiência nas empresas. *R. Laborativa*, v. 9, n. 1, p. 46-69, abr. 2020.

MARIA, Isabel Santos; BREDA, Ana; ALMEIDA, Ana Margarida. Design approach of mathematics learning activities in a digital environment for children with autism spectrum disorders. *Educational Technology Research and Development*, 2017. DOI: 10.1007/S11423-017-9525-2.

MARIA, Theresa Bolo Kalaw. Realistic mathematics approach, mathematical communication and problem-solving skills of high-functioning autistic children: a case study. *IAMURE International Journal of Mathematics*, 2012. DOI: 10.7718/IAMURE.IJMET.V2I1.245.

PERES, Carlos Eduardo de Araújo Rodrigues et al. Ensino de matemática como ferramenta para inclusão de crianças autistas no contexto escolar. 2023.

PAULA, Prestrelo et al. Características do transtorno do espectro autista e sua influência na aprendizagem: uma revisão integrativa. *Revista Sustinere*, 2023. DOI: 10.12957/sustinere.2023.63902.

ROZAL, Edilene Farias et al. Estratégias de ensino na aprendizagem da matemática para alunos autistas. 2022.

SARAH, K. Cox; ELIZABETH, M. Hughes. Setting the stage for successful inclusion of students with autism spectrum disorder: Supports to generate and process mathematical language. *School Science and Mathematics*, 2024. DOI: 10.1111/ssm.12675.

STOCHERO, Anderson et al. A utilização de ferramentas tecnológicas no ensino e aprendizagem em matemática para alunos com Transtorno do Espectro Autista. In: *Anais do Workshop de Informática na Escola*. 2017. p. 983-992.

VIOLANTE, R. R.; LEITE, L. P. A empregabilidade das pessoas com deficiência: uma análise da inclusão social no mercado de trabalho do município de Bauru, SP. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 14, n. 1, p. 73-91, 2011.